

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

10. NOV 1942

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 57 — 18 DE JUNHO DE 1942 — Preço: 1 Esc.

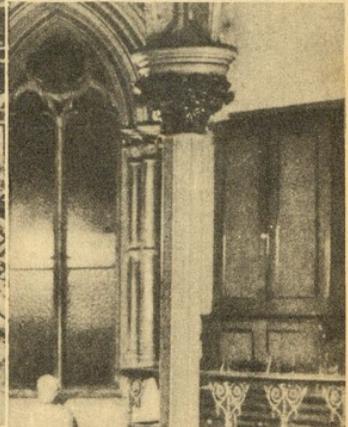
A PRIMEIRA JORNADA DAS MÃES DE FAMÍLIA recentemente efectuada em Portugal por iniciativa muito louvável do Ministério do Interior, veio pôr em evidência, mais uma vez, o carinho que merecem as crianças aos organismos de assistência do nosso País. A foto mostra-nos um curioso aspecto da vida da Maternidade Dr. Alfredo da Costa: a ida para o banho matinal dum grupo de pequeninos, com poucos dias de idade, nascidos naquêle estabelecimento. (Foto Armando Seródio).





*Neste histórico  
palácio de  
Londres  
é agora*

# **HOTEL BLITZ**



A GUERRA introduziu muitas novidades na vida inglesa. Entre elas figura o novo destino dado a certos edifícios históricos. A antiga Academia da Marinha, por exemplo, está agora convertida num restaurante. Neste edifício gótico de formidáveis paredes de pedra está agora instalado o «Londoner's Meals Service»; pode-se ali, por pouco dinheiro, comer com abundância, embora com muita variedade: «roast-beef», papas no forno, biscoitos de chocolate, cremes, etc. E podem saborear-se esses pratos num ambiente sugestivo: entre bustos e retratos de ingleses famosos nas lides navais, entre milhares de livros, muitos deles já amarelados pelo tempo. Eis o que é o «Hotel Blitz», como em Londres se lhe chama graciosamente. É curioso notar que os ataques aéreos à capital inglesa deixaram completamente intacto este edifício monumental — mas, à sua volta, todos os prédios caíram...



# O homem que organiza os ataques de **MIL AVIÕES** *contra a* *Alemanha*

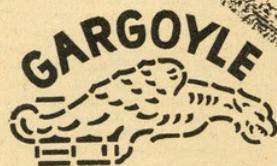


OS RECENTES ATAQUES MACISSOS DA R. A. F. a Lubeck, Rostock, Colónia, Essen e outras cidades do Ruhr evidenciaram exuberantemente a nova tática ofensiva da aviação inglesa. Dirige essa ofensiva o marechal do Ar, Arthur Travers Harris, de quem damos nesta página uma das suas mais recentes fotografias. Chefe do Comando dos Bombardeiros, Harris tem 50 anos de idade e serviu, durante a última guerra, no 1.º Regimento da Rodésia e no velho Royal Flying Corps. De 1940 a 1941, foi Chefe do Departamento Aéreo, após o que, promovido a marechal do Ar por distinção, foi ocupar o lugar que actualmente exerce e onde tem revelado as suas extraordinárias qualidades de acção. Ligado por uma bateria de telefones a todos os quartéis da R. A. F., a sua actividade, pensada e controlada no seu gabinete de trabalho, estende-se agora a todos os aeródromos da Grã-Bretanha.

# Produto insubstituível

Sem outro produto que se  
lhe compare, MOBILGREASE  
é a massa consistente para  
chassis que nunca endurece.

Mantém-se sempre aderen-  
te, sempre lubrificante, aca-  
bando de vez com os ruídos  
impertinentes.



# Mobilgrease

1919

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

# Como o MÉXICO

## contribuiu para a entrada dos Estados Unidos na outra guerra

### ...um artigo de Carlos Ferrão...

O México declarou a guerra às potências do «eixo». Pela sua posição estratégica, pela importância dos seus recursos, pelas características da sua população e pela natureza das suas possibilidades militares, trata-se de um país cuja intervenção no actual conflito se destina a ter apreciáveis repercussões. Toda a América do Norte e Central aparece assim envolvida no conflito. Desde o Alasca, passando pelo Canadá, pelos Estados Unidos e pelo México, até às pequenas repúblicas centro-americanas, é todo um continente que se prepara para desempenhar um papel preponderante na luta que, pouco a pouco, se estendeu a todo o mundo.

Embora o seu exército seja reduzido, o México pode alargar a sua mobilização; os barcos de que dispõe são em pequeno número e de reduzido valor militar e o mesmo deve dizer-se da aviação. Mas os recursos económicos do país são, praticamente, inesgotáveis e quasi ilimitadas as possibilidades da sua exploração. E a sua posição geográfica faz dele um instrumento precioso para a defesa eficaz das costas do continente americano.

Com a intervenção do México, a solidariedade pan-americana, ainda recentemente afirmada na Conferência do Rio de Janeiro, começa a tomar forma e conteúdo prático. A sua decisão coincide com a iniciativa brasileira de reprimir, pela força, a actividade dos submarinos do «eixo» que actuam naquelas paragens. Quer se encaixe a possibilidade de um ataque de surpresa feito pela esquadra e pela aviação japonesas, do lado do Pacífico, quer se trate dum recrudescimento da guerra submarina, nas águas do Atlântico, a atitude do México reveste-se duma importância invulgar.

Tratando-se dum dos mais valiosos centros de produção de carburantes que existem actualmente no mundo, a contribuição que, sob este ponto de vista, está em condições de fornecer à causa dos aliados, é incalculável. Os incidentes que ainda recentemente se registaram entre o governo mexicano e os proprietários dos jazigos de petróleo, ingleses e norte-americanos, tinham já sido regulados de maneira satisfatória. Esses incidentes e a sua recordação não impediram que o país tomasse a decisão aconselhada pelos seus interesses políticos.

\* \* \*

A intervenção do México, ao lado dos Estados Unidos, no actual conflito, torna actual a evocação

dum episódio em que, durante a última conflagração, os dois países apareceram envolvidos. Esse episódio e as suas consequências, da maior importância para o desenlace da guerra de 1914-18, re-

em matéria de artilharia e de explosivos. Três anos antes, graças à sua perícia, conseguira salvar uma unidade da Royal Navy que se considerava perdida; tódas as vezes que se tornara necessário

fiou um zelo inigualável e um entusiasmo que contagiava os seus subordinados. O trabalho que realizou contribuiu poderosamente para a vitória do seu país.

Os americanos que depois tiveram de trabalhar com ele e puderam conhecer a organização montada pelo seu espírito inventivo e mantida pela sua tenacidade inquebrantável prestam-lhe justiça ao dirigirem os mais calorosos elogios aos serviços de Sir Reginald Hall. O almirante norte-americano Sims, que depois de 1917 trabalhou com ele em estreita colaboração, deixou a esse respeito um testemunho categórico.

De tódas as inovações introduzidas por Sir Reginald Hall nos serviços de informação do Almirantado, a mais notável foi sem dúvida a famosa «Câmara 40». Rodeado por um núcleo de colaboradores especializados no estudo dos segredos criptográficos, era ali que se decifravam as mensagens secretas do inimigo, contrariando muitas vezes os seus planos.

\* \* \*

Em Julho de 1916, em consequência dum incidente provocado por um bando armado na fronteira dos Estados Unidos com o México, as tropas norte-americanas, comandadas pelo general Pershing, que havia de comandar depois o corpo expedicionário do seu país que desembarcou na Europa, penetraram em território mexicano. Passaram alguns meses e a situação, que dera origem a um agravamento sério das relações entre os dois países, não se modificara. Entre os soldados do exército mexicano e os soldados de Pershing davam-se frequentes recontros. O presidente Carranza multiplicava em Washington as notas diplomáticas de protesto.

A diplomacia alemã procurou tirar partido desta circunstância utilizando-a para agravar as dificuldades em que se debatia o presidente Wilson. Há vinte e cinco anos, nos Estados Unidos, a luta entre neutralistas e intervencionistas não diferia muito daquela que vimos, nos nossos dias, conduzida pelo grupo «America First» contra Franklin Roosevelt. A diferença estava apenas em que os neutralistas eram, nesse tempo, muito mais poderosos e influentes e o presidente menos decidido do que o actual. Wilson, reeleito sob um compromisso formal de não arrastar o país para a guerra, deixava manter, através de tudo, esse compromisso. O Senado, então quasi omnipotente, era dominado pela voz e pelo prestígio dos adversários da intervenção.

Entretanto a política interna da Alemanha modificara-se radicalmente. O Kaiser acabara por se desembarçar do chanceler Bethmann Hollwegg, decisão que



AVILA CAMACHO,  
actual Presidente do México

lacionaram-se intimamente com o funcionamento dos serviços de informação dos países aliados e especialmente da Grã-Bretanha.

Em Outubro de 1914, pouco depois da declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha, o Almirantado chamou para a direcção da sua repartição de informações o almirante Sir Reginald Hall. Tratava-se de um oficial de marinha distinto que já se tornara notado pela sua competência excepcional

conduzir os seus homens em operações difíceis, as suas qualidades de chefe tinham-se evidenciado. Expressa-se com a maior facilidade em várias línguas e possuía um conhecimento profundo dos problemas de política externa e especialmente do carácter e das tendências de alguns povos estrangeiros.

Patriota ardente, Hall dedicou ao desempenho da missão delicada do Almirantado lhe con-

imediatamente se traduziu pela influência crescente do almirante Tirpitz. Este advogava, desde o início das hostilidades, a declaração da guerra submarina sem quartel, convencido de que, feita oportunamente, ela afastaria o espectro da intervenção americana e reduziria à impotência a resistência britânica. A opinião pública norte-americana reagiu perante a declaração alemã de que a guerra submarina, sem restrições abrangeria os navios das nações beligerantes e neutras, mas essa reacção platónica precisava de que um novo facto surgisse para poder traduzir-se em actos e arrastar a intervenção americana.

\* \* \*

Esse facto não tardou a produzir-se. Em 16 de Janeiro de 1917, o secretário de Estado para os negócios estrangeiros alemão, Zimmermann, dirigiu ao ministro da Alemanha no México, Eckardt, um extenso telegrama cifrado contendo as seguintes instruções: se os Estados Unidos viessem a envolver-se no conflito, a Alemanha oferecia ao México uma aliança militar e um auxílio financeiro compensador; no fim do conflito ser-lhe-iam devolvidos os territórios ocupados pelos norte-americanos em 1848, quer dizer os Estados do Texas, do Novo México e do Arizona. No telegrama dirigido a Eckardt, eram dadas instruções para que o presidente Carranza se pusesse, rapidamente, em contacto com o representante do Japão, iniciando uma mediação que devia pôr termo às hostilidades germano-nipónicas. Em resumo: como compensação por uma eventual intervenção mexicana contra os Estados Unidos, o México recebia a oferta de promessas tentadoras.

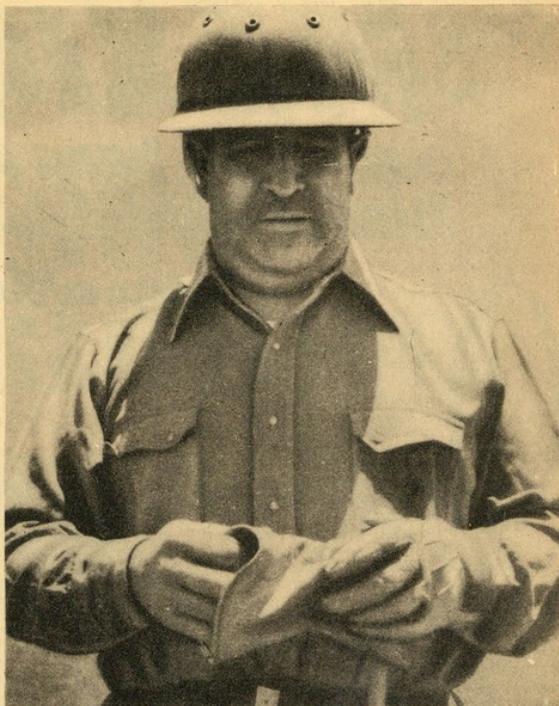
O texto do telegrama cifrado foi enviado a Eckardt por intermédio do representante da Alemanha nos Estados Unidos, Bernstorff. A Câmara criptográfica do Almirantado captou e decifrou esse texto. Era uma oportunidade única

de mostrar ao governo e ao povo dos Estados Unidos a extensão dos perigos que ameaçavam este país. O apoio oferecido aos mexicanos, a ideia de tentar uma colaboração estreita entre estes últimos e os japoneses, rivais dos norte-americanos no Pacífico e no Extremo Oriente, eram de molde a despertar a cólera popular e a decidir a Administração em Washington.

Em 26 de Fevereiro o governo inglês comunicou oficialmente ao governo americano o texto do telegrama Zimmermann, acompanhando esta diligência das provas da sua autenticidade. O presidente Wilson, depois de algumas hesitações (o seu receio era o de que o governo não pudesse dominar a opinião pública emocionada por uma revelação tão sensacional) resolveu tornar público o texto do telegrama. A pu-



O Presidente Avila Camacho com a esposa, na sua residência particular



O Presidente Camacho é um entusiasta do jogo do «polo». Aqui o vemos equipado e preparado para tomar parte num desafio.

blicação fez-se no dia 1 de Março, nos principais órgãos da imprensa norte-americana. Em 15 dias, a intervenção dos Estados Unidos decidia-se. Faltava apenas dar-lhe

forma legal. Em 2 de Abril o Congresso e o Senado aprovavam o princípio da intervenção que veio a decidir do desenlace do conflito.

**BBC**

A VOZ DE LONDRES

*fala e o mundo acredita*

**Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA**

12,45	Noticiário	{	G R U 31,75 m. ( 9,45 mc/s)
			G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15	Noticiário	{	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)
			G R U 31,75 m. ( 9,45 mc/s)
14,30	Actualidades	{	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)
			G S B 31,55 m. ( 9,51 mc/s)
23,00 (*)	Noticiário	{	G R X 30,96 m. ( 9,69 mc/s)
			G R T 41,96 m. ( 7,15 mc/s)
23,15 (*)	Actualidades	{	G S B 31,55 m. ( 9,51 mc/s)
			G R T 41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

# Panorama Internacional

# A guerra mudada

por *Francisco Velloso*

## A LUTA REVIVESCE



AUCHINLECK

Em quatro teatros da guerra a luta cresce. De Iés a Iés, circunvolve o Mundo um zodíaco de interrogações sobre se chegou ou não a hora da grande arremetida alemã.

A curta distância das últimas operações em Karkov, cujo esboço aqui tentámos, eis que ali mesmo elas se reencendem. A Crimeia, que ainda há pouco vira a ofensiva germânica para reconquistar a península de Kertch, escuta o ribombo contínuo e atrozador de um furioso assalto à histórica Sebastopol.

Na Líbia a batalha, que já ultrapassa vinte dias, entra em nova, e talvez derradeira fase, com novo empenho de Rommel. Na China, ao mesmo tempo que chegam, como aliás urgiu, os reforços da aviação anglo-americana, a guerra renova-se com largos movimentos nas províncias do Sul, onde não é coisa das mais fáceis deslindar e destrinçar na emmaranhada rede de marchas dos grupos atacantes e contra-atacantes. O Pacífico foi teatro de duas grandes vitórias navais norte-americanas que cortaram asas aos japoneses em duas expedições para oeste sobre Hawai e a costa norte-americana e sobre a península de Alaska.

Em conjunto, abrangida de relance a situação internacional, o seu panorama traz-nos, sem maiores delongas, esta impressão directa: — depois de dois anos e meio da guerra, o «Eixo» encontra, em qualquer dos teatros do seu plano ofensivo, o bloco das Nações Unidas em posição de defesa ou de reacção. Não sucedia isto há muito e muito tempo. Outro aspecto geral a considerar dentro das contingências da sorte dos combates, é o de que o facto acima apontado coincide no evidente aceleramento dos esforços dos dois grupos contendores no sentido de procurarem neste ano uma decisão ou, pelo menos, um acontecimento que a determine.

Quando chegou a notícia de que depois de 16 dias de altiva e heróica resistência em Bir-Haqueim, no flanco sul da linha de fortificações que desde Gazala, Auchinleck opusera ao seu adversário, o grupo das forças francesas do alsciano Koenig havia retirado sob a avalanche de desesperado assalto alemão, — feito que como o de Tobruk e os das Filipinas, de Malta, de Kronstadt e Sebastopol, encheu o mundo de seus ecos, — apareceu na imprensa alemã um relato explicativo, assás digno de atenção: «A África do Norte e a Marmarica são, por assim dizer, o prolon-

gamento do flanco meridional da Europa. Toda a manifestação de força com meios militares eficazes deve constituir um alívio para a frente europeia e da Ásia Oriental. Outro efeito é o adversário ser obrigado a repartir as remessas de material de guerra, particularmente as de proveniência americana, por diversas frentes. Desta maneira, uma presença eficaz significa, para as potências do «Eixo»: As potências do «Eixo» forçam o inimigo a manter forças consideráveis numa região muito importante para a Inglaterra (Canal de Suez), e o «Eixo» obtém vantagens, no ponto de vista do prestígio, não obstante a decisão deste segundo guerra mundial não se fazer em teatros de segunda importância, mas exclusivamente na Europa — na Europa do Leste — no Atlântico, no Pacífico e no Mar da Índia.»

Ficamos assim perfeitamente elucidados acerca dos objectivos alemães e das linhas gerais e que obedece a sua execução. E por consequência devemos encarar o caso da arriscada resistência de Sebastopol na mesma importância exacta que a sua queda teria — como anota a agência officiosa francesa — para os alemães poderem levar ávante um ataque sobre o Cáucaso, a norte e sul da gigantesca cordilheira, do qual foram meros reconhecimentos, logo recolhidos, pequenos desembarques na península de Tanan, frente a Kertch. Do mesmo modo, e por igual razão, o desencadeamento da ofensiva de Von Bock contra a frente russa no sector de Karkov deve ser religado áqueles objectivos do alto comando alemão. No dia 10, de Estocolmo, o informador francês reduzia a uma tentativa de rectificação para expulsar os russos da direita do Donetz. Mas dois dias depois, da mesma origem, fala-se de um empenhamento a fundo, entre Izium e Balakleia (veja o leitor o gráfico que lhe demos), com o propósito dum rutura. Na região de Smolensko, o general Zukov lança-se a dominar Rjev, onde os alemães estão sitiados. Em Murmansk a aviação russa defende vantajosamente contra a alemã a via de abastecimentos. Mas a pergunta (momentaneamente depois da última batalha de Karkov) subsiste: é já a ofensiva?

## UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO



CRIPPS

Líbia a isso

Relendo o extractado passo alemão que atrás se transcreve, encontramos dado ao teatro da guerra na Europa de Leste uma destacada primazia. Wowell e Auchinleck assim pensaram sempre. A mesma luta no

vencido o núcleo de Bir-Haqueim, transformou numa exploração imediata da vitória tática, toda a batalha concentrada em torno de Knightbridge, com o apoio de reforços que lhe vêm de Creta e da Sicília, onde já há muito se anunciavam concentrações de gente e material. E acaso o ritmo frenético do ataque alemão não correrá parilhas com o que enferece o assalto de Sebastopol conduzido pelo general Manstein contra o bravo Navikov e os almirantes Oktyabrsky e Umashev, da frota do Mar Negro, sob cujas ordens servem ingleses e americanos, e bem assim com a ofensiva de Von Bock? Há em tudo isto um sinal da precipitação de um assalto geral?

Um acontecimento de extraordinário alcance o parece confirmar: — as assinaturas do tratado de aliança anglo-russo e do acordo (que só não é tratado na nomenclatura) russo-americano, feitas, respectivamente, em Londres a 26 de Maio e em Washington a 12 de Junho.

Embora de Berlim, como é natural, se procure minimisar a importância destes acontecimentos, é impossível recusar-lha, a não ser por preconcebido intento de não trazer perturbação ao espírito público numa hora que tudo indica ser já próxima das maiores neste conflito.

De nada vale alegar que o novo tratado — o maior de todos os actos diplomáticos efectivados nesta guerra — é uma reedição aumentada do que Cripps e Molotov subscreveram em Moscovo a 12 de Agosto de 1941. O que mais interessa é o texto. O título diz-lhe o conteúdo: — **Tratado de aliança na guerra contra a Alemanha hitleriana e seus associados na Europa, e de colaboração e assistência depois da guerra.** Salta imediatamente à vista que (embora para tal hipótese o tratado possa ser quasi automaticamente adaptado) o compromisso bilateral não abrange o Extremo Oriente e portanto o Japão. O art. 1.º estabelece a mútua assistência militar e todo o apoio contra qualquer agressão a Estados sinatários ou seus aliados. O 2.º proíbe a paz separada com a Alemanha e o prosseguimento da guerra até que esta renuncie a «intencões agressivas». Em seguida vem o compromisso de guardarem a paz da Europa, o apoio a Estados agredidos durante vinte anos. Depois, a cláusula de colaboração no sistema da paz, que importa transcrever na íntegra: «As altas partes contratantes, tomando em consideração os interesses da segurança de cada uma delas, acordam em actuar de acordo em íntimo amizade e colaboração, depois do restabelecimento da paz, para a organização do segurança e prosperidade económica na Europa. Tomarão em consideração os interesses das Nações Uni-

das nestes objectivos e procederão de acordo com os dois princípios de não procurarem engrandecimento territorial para elas próprias e de não interferência nos negócios internos de outros Estados». Finalmente, a assistência económica possível depois da guerra. O vulto deste compromisso reflecte-se na sua duração: Os dois primeiros artigos do tratado deverão continuar em vigor até ao restabelecimento da paz entre as altas partes contratantes e a Alemanha e os países com ela associados em actos de agressão na Europa. Os restantes ficarão em vigor pelo período de 20 anos. Depois disso, a não ser que qualquer das partes comunique com 12 meses de antecedência o desejo de revogar o tratado no fim do mencionado período de 20 anos, continuará em vigor até 12 meses depois da data em que qualquer das altas partes contratantes tiver comunicado por escrito à outra a sua intenção de o revogar.

(Continua na pág. 12)

## Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



# PARGIL

(Produto medicinal)

**PARGIL**, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metodicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

**PARGIL** não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

**NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

# CALÇADA DA GLÓRIA

## SINFONIA DE ABERTURA

A Calçada da Glória regista, gloriosamente, os últimos livros recebidos: D. Quixote, de Alberto Xavier, estudo exaustivo da célebre obra de Cervantes, duplamente notável pela erudição e clareza; os Fantasmas da Torre de Londres, trezentas páginas em que Gomes Monteiro, excelente jornalista dá uma sugestiva reportagem histórica; o romance Maria da Purificação onde passa, pela experimentada mão literária de Edgar Marques, uma mulher que ama e que sofre; O verdadeiro Antero, e Rebêlo de Bettencourt, série muito curiosa de notas e observações acerca do grande poeta cujo centenário, há pouco, se comemorou; Contos Durienses, telas fortes da região duriense pintadas por João Araújo Correia, escritor de incontestável mérito; Alarme na cidade dos Rapazes, romance cinematográfico de António Feio, páginas que têm a vivacidade palpitante do «écran»; e Provérbios e ditos rimados, cem quadras, de carácter popular, em que Carlos Fernandes nos oferece uma fácil e comunicativa filosofia. Como já notaram, esta página abriu hoje com uma sinfonia constituída por uma verdadeira rapsódia literária.

JORGE VI

O rei de Inglaterra tem agora uma nova secretária particular: sua cunhada, a Duquesa Marina de Kent. Talvez nem todos saibam que a princesa Marina teve a paixão do teatro. Pensou mesmo em ser actriz. O que ela decerto nunca imaginou é que viria a representar grande papel no actual drama inglês.

## A CASA DE JUNQUEIRO

INAUGURA-SE amanhã no Pórtio, graças, em grande parte, à afectuosidade de sr.ª D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, a casa-museu dedicada ao grande poeta, Junqueiro estará presente: simplesmente se encobrirá na sua própria sombra gloriosa.

SHAW

BERNARD Shaw foi um dia convidado a assistir a uma conferência acerca da água e da sua aplicação. Terminada a conferência e quando os aplausos ressoavam na sala, viu-se Bernard Shaw levantar-se e exclamar, perante o assombro da assistência, que o conferente se tinha esquecido de referir-se à força mais considerável da água: as lágrimas da mulher...

## A NOSSA OBRA

UMA senhora parisiense disse um dia a Voltaire: — Deve estar felicíssimo com a sua obra literária: todos a admiram e a louvam! — Pobre de mim! — exclamou Voltaire. — Repare que estou na situação do marido que tem uma mulher coquette: todos a louvam e a admiram — excepto o próprio marido.

## O HOMEM DOS SETE OFÍCIOS



Há tempos Gustavo de Matos Sequeira fez uma conferência. O apresentante do conferencista — nada mais nada menos do que João Pereira da Rosa — ao fazer a clássica apresentação do conferente afirmou que daqui a uns mil anos Gustavo de Matos Sequeira há de ser um dos mais torturantes problemas dos investigadores. Com efeito assim deverá ser. Na verdade calcule-se a alarmada surpresa com que, em 2942, um investigador que acompanhou Matos Sequeira na Lisboa depois do terramoto, não lerá nos arquivos alfandegários um gatafunho que é a assinatura de Matos Sequeira sob a rígida e severa designação de sub-director da Alfândega de Lisboa. Nisto revela-se um outro sábio ter descoberto que um Gustavo de Matos Sequeira foi, em 1932, o relator dum parecer sobre as projectadas obras da continuação da avenida da Liberdade, através do Parque Eduardo VII. — Impossível! — heram ambos. — Há pelo menos, três Gustavo de Matos Sequeira! Três, nada menos de três!...

De repente, dum canto, um colega surge para dizer que encontrou vestígios de outro Gustavo de Matos Sequeira, proprietário dum «bric-à-brac» para as bandas de Santo António. Mas, há mais: Um comprova que no começo do segundo quartel do século XX, — pelo largo de S. Domingos atarafado

na reconstituição dum mercado do século XVII; outro aventa a possibilidade de ser o mesmo Matos Sequeira aquele que, em 1935, construiu no antigo sítio das Francesinhas, um trecho da Lisboa seiscentista.

— Mas, então, há outro Gustavo de Matos Sequeira! — grita um antigo académico as bagas de suor a escorrerem-lhe do rosto.

— Qual? Qual? — perguntam todos. — Encontro num jornal da época, O Século que se publicava ali para os Paulistas, que um homem dêsse nome organizou uma exposição de Desporto!

— Mas será ele o mesmo que escreveram o «Auto de Santo António», que se representou no adro da Sé de Lisboa em 1934? — perguntará um académico bastante idoso.

Não há dúvida. Daqui a mil anos Matos Sequeira vai ser um enigma. Arquêologo, poeta, dramaturgo, revisteiro, investigador jornalista etc. etc. Mas o pior vai ser isto: quando os historiadores e os eruditos descobrirem que houve, ali por 1900 e tal, um Gustavo de Matos Sequeira toureiro da praça de Algés, homem que manejava o capote e a mula e que bandarilhava com a graciosa espreiteza de El Gallo... E de tal modo que lhe chamavam Matos Sequeira El-Esgalho... Quando aparecer este Gustavo de Matos Sequeira — é que vai ser bonito!

## BOM-HUMOR

AGÊNCIA Editorial Brasileira, dirigida pelo gordo sorriso do nosso amigo José Rodrigues Júnior, vai lançar a colecção Bom Humor. Nos tempos que vão correndo é esta a única panaceia universal: o bom humor.

## O COFRE

HÁ dias, quatro homens subiam a escada onde mora o empresário José Loureiro ajoalhados ao pé dum cofre-forte. Seria o cofre para casa do conhecido empresário? Se assim é, o cofre iria cheio de peças... de ouro?

## A SANTIDADE

CERTO fidalgo português falecido ainda não há muito tempo era, não obstante a sua idade avançada, uma espécie de D. Quixote boémio. A mulher, senhora honradíssima, tudo lhe perdoava resignadamente. Por isso o fidalgo costumava dizer-lhe, segundo Guilherme Pereira de Carvalho que me contou esta história: — És uma santa! Mas a mim o deves...

## A BOINA DE FRANCISCO LAGE

NA noite da inauguração do Teatro do Povo no páteo do Conde da Ribeira, Francisco Lage, cujo espirito é tão brilhante como o seu monóculo, apareceu de boina basca, uma boina que lhe dava o ar de autêntico espanhol. Por isso alguém respondeu quando lhe perguntaram quem era aquele truculento senhor: — Hombrê! És Don Chico de la Basca!

## TIRAS NAS JANELAS

MUITAS lojas, aproveitando o conselho da Legião, têm preservado os vidros das suas montras com tiras de papel, diminuindo assim os riscos dos bombardeamentos aéreos. Simplesmente em inúmeras dessa montras, as tiras revestem aspectos de caprichosos desenhos. Porque se não faz o concurso, não apenas da montra menos vulnerável, mas da montra mais bonita?

## O TRABALHO

A melhor maneira de responder aos invejosos e aos mal-dizentes — afirmava uma tarde destas João Bastos — é continuar a trabalhar...

## MÚSICOS

O célebre compositor alemão Hindelnth dirigia-se, uma vez, para a sua tribuna de maestro quando um sujeito lhe surgiu, em frente:

— Os músicos não precisam do senhor para coisa alguma. Se imagina que a sua batuta os dirige, engana-se redondamente.

Ligo Hindelnth, modesto: — Isso sei eu, mas peço-lhe que não diga nada a ninguém. — senão lá se vai o emprego...

## SÃO JOÃO

A propósito da nossa última página em que fotografámos Santo António... Corréa de Oliveira, dizia-nos ontem alguém:

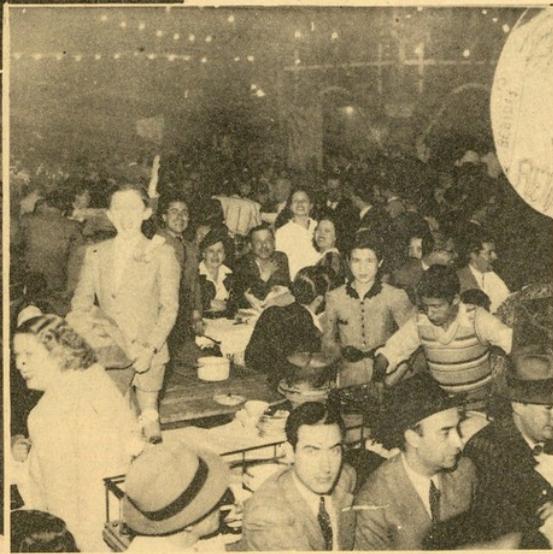
— Agora deve seguir-se o São João... Corréa de Oliveira...

Observação justa. Por um pouco, na verdade, que os Corréas de Oliveira não têm os santos todos na família!

Luís S. Oliveira



noite  
de Santo  
Antônio\*  
nos mercados  
de Lisboa



NOITE DE SANTO ANTÔNIO... Uma noite quente, luarenta, um buliço de gente que se embriaga em alegria, uma promessa numa alcachofra, uma canção de amor num cravo de papel, um rodopio ao som duma música que mal se ouve, o prazer desconhecido duma ceia a horas mortas, uma canção nos lábios até de madrugada...



Em cima — A venda de cravos e manjericos na Praça da Figueira; a ceia pacata duma família que se reuniu no mercado de Arroios; um retiro da Praça da Figueira onde se patenteia bem a alegria exuberante dos que se divertem. — Em batixo — Dois aspectos curiosos da multidão na Praça da Figueira (à esquerda) e no Mercado de Arroios (à direita).



«BRASIL, grandioso laboratório de energias humanas» — foi o tema da conferência recentemente pronunciada na Sociedade de Geografia pelo prof. dr. Mendes Correia, que se vê na foto que publicamos.



FUNCIONÁRIOS DIPLOMÁTICOS DO REICH recémchegados à Europa, vindos da América. Na foto, vêem-se os srs. Weizsäcker, secretário de Estado, e dr. Thomsen, encarregado de negócios estrangeiros na embaixada de Washington. Estes funcionários passaram recentemente por Lisboa.



DOIS ASPECTOS DO CORTEJO da «Queima das Fitas» recentemente efectuado em Coimbra, e do qual já publicamos várias fotos no nosso último número.



1942

O

VINHO do PORTO  
dos velhos tempos — corre  
o País autenticado pelo  
SÊLO de GARANTIA



LEIA TODOS OS SÁBADOS

**VIDA MUNDIAL**

Um jornal que vale  
por muitos jornais

Vida  
**MUNDIAL**  
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida  
**MUNDIAL**  
Ilustrada



A  
GUERRA  
NO  
DESERTO  
DA  
LIBIA

VISTA AÉREA dum aeródromo italiano na Cirenaica. Alguns dos aviões estão a levantar vôo, deixando atrás de si grandes nuvens de areia.

# Lanzama Internacional por Francisco Velloso

(Continuação da pág. 7)

No dia 12, Cordell Hull e Litvinnof assinaram, na capital americana, um acôrdo de «empréstimo e aluguer» semelhante aos existentes com a Grã-Bretanha e a China.

O acôrdo estabelece as bases para continuar o auxílio à Rússia para uma maior colaboração depois da guerra por um auxílio económico dado pelos Estados Unidos à Rússia, a política com o fim de destruir as barreiras comerciais em conformidade com o «Carta do Atlântico», no seu sentido mais liberal, medidas para a extensão construtiva das produções industrial e agrícola, fomentar o desenvolvimento do trabalho e combater o desemprego.

Deve observar-se que o tratado de Londres não só foi atentamente seguido, mas apoiado pelo governo norte-americano. Conseqüentemente, pode considerar-se que a posição britânica implica a posição dos Estados Unidos. Com razão se disse que a Rússia ficou integrada na Carta do Atlântico como participante na execução dos seus princípios, obra em que se enlaçam a Inglaterra e a grande nação das Américas. Não há erro, pois, em concluir que se a Rússia e a Grã-Bretanha guardam a Europa, os Estados Unidos e o Brasil e seus aliados, guardarão o novo continente.

Assim, ganha força de um compromisso tríplice o do perfeito entendimento entre ambas as partes quanto à urgente tarefa de criar em 1942 uma segunda frente na Europa. Molotov, Maisky, o major-general Issayev, o contra-almirante Kharlamov, Churchill, Attlee, Eden e os chefes dos Estados Maiores britânicos tomaram parte nas conversações a este respeito. Realizaram-se também conversações acôrda de melhorar ainda mais os fornecimentos de aviões e «tanks» e outro material de guerra a enviar da Grã-Bretanha para a Rússia.

A criação da segunda frente na Europa é o facto novo. O seu carácter urgente é imposto pela dupla decisão de fazer cessar a guerra e os sacrifícios incalculáveis a que ela obriga a economia mundial e — eis outro aspecto grave e mais imediato — por informações que em Londres, Washington e Moscovo existem sobre a resolução de Hitler em jogar o todo pelo todo. A guerra mudou definitivamente.

## REVELAÇÕES DO CONDE CIANO



É altura de verificarmos do lado do «Eixo» um outro facto que ganha relevo à luz destes compromissos das Nações Unidas.

No penúltimo dia do passado mês de Maio, o Conde Ciano, que alia à sua categoria de chanceler do Itália o de genro de Mussolini,

fêz uma larga exposição sobre a política exterior italiana durante os últimos onze meses perante as comissões do Senado que acabavam de aprovar o orçamento do ministério dos Negócios Estrangeiros. Este discurso de recapitulação poderia ser somente um balanço de contas e neste caso não haveria a registar dêle mais do que declarações de factos ocorrentes. O Conde Ciano trouxe, porém, elementos que a crítica histórica desde já não poderá lançar à margem.

Assim, o de que em face das ocupações da Bessarábia, da Polónia e dos Países Bálticos (que Estaline no seu famoso discurso ao Conselho Supremo asseverou resultarem do próprio pacto germano-russo) a Alemanha e a Itália «decidiram em 1940 criar uma primeira linha de resistência e barragem, assumindo a garantia das fronteiras romenas e evitando as pretensões soviéticas sobre os Balcãs». Fica, pois, estabelecido que, pelo menos um ano antes da eclosão da guerra germano-russa, esta estava prevista e decidida em Berlim e em Roma, em plena vigência daquele pacto.

Outro elemento importante é o que se refere aos objectivos pre-estabelecidos da política do «Eixo» nas zonas danubio-balcánicas: — «a destruição dos últimos traços da política da «Petite Entente», a revisão das fronteiras entre a Hungria e a Roménia e entre esta e a Bulgária e a expulsão da Inglaterra da Grécia». E o Conde Ciano foi ainda mais minucioso: «Esta acção foi conduzida desde o verão de 1940 até ao de 1941, através de uma série de iniciativas diplomáticas e militares, que dum lado culminaram na constituição dum bloco de Estados, os quais aderiram ao Tríplice e se tornaram aliados do «Eixo» e do outro lado terminaram com a ocupação da Grécia e nova distribuição dos territórios da Jugoslávia». E finalmente: «Isto permitiu afrontar o conflito com os russos com a solidariedade activa também dos Estados da Europa sul-oriental, dos quais três pegaram em armas contra a Rússia».

Desabam, portanto, diante dêste plano, muitas explicações que vieram dar-se dos acontecimentos que assolaram a península balcânica. O Conde Ciano marca com leal clareza o objectivo italiano: «A Itália está hoje presente no centro da península balcânica — nos vales de Vardar e da Morava — o que lhe dá fronteiras comuns com a Bulgária amiga e através desta uma via para o seu tráfego do Egeu e do Mar Negro».

Nas relações italo-francesas não se deteve muito o ministro italiano, que se limitou a salientar com certa ambigüidade «o seu total e harmonioso paralelismo com as relações franco-alemãs». Esta expressão representa, porém, um sinal de que a Itália, momentaneamente depois da Conferência de Salzburgo, sem retrair as suas reclamações sobre a Tunísia, a Sabóia e a Córsega, submeteu-as, por integração, aos destinos das relações de Berlim com Vichy. O que leva a concluir que a concentração

de tropas italianas ao longo da fronteira francesa que no dia 27 foi noticiada, com o letreiro algo absurdo de se destinar a proteger possíveis operações no Dodecaneso, em cooperação com as tropas alemãs em Creta, somente poderia operar-se com o assentimento de Berlim.

Até que limite foi alargado êste assentimento, ou, por outro modo, quais as condições em que Laval, depois das suas conferências de fim de Maio com as autoridades alemãs, pode ainda manter o seu equilíbrio arriscadamente instável, dentro do plano germânico?

Da resposta a esta interrogação que, neste momento, os acontecimentos não formularam, dependerá a realização das exigências de Mussolini e a permanência de Laval no poder. O «Duce» tem de dar uma justificação de sacrifícios à opinião pública do seu país. Foi isto mesmo que originou a recente perturbação política em Roma. Com a vitória do «Eixo», todos os objectivos definidos pelo Conde Ciano, com o carácter ou, ao menos, a aparência de conclusões trazidas de Salzburgo, estariam assegurados. Mas é preciso que ela venha total, e entretanto Mussolini tem de fazer face a crises de enervamento interno com garantias aleatórias, e de não recusar a Berlim, eixo do «Eixo», seja o que for. Se Mussolini teve de meter na cadeia aristocratas seus compatriotas por terem tomado parte em uma reunião em honra de cidadãos americanos, e de proceder a seleções dentro do próprio partido — não é menos certo que forças italianas se batem na Líbia sob o alto comando do general Rommel.

## QUÊS E PORQUÊS



PÉTAÏN

Segundo a doutrina italiana, repetidas vezes posta pelo órgão da chancelaria, «Relazioni Internazionali», a França, vencida e sinatária do armistício de Villa Incisa, «é apenas depositária do território que tem de entregar ao «Eixo» vitoriosos». Isto escrevia-se a 23 do mês passado, acrescentando-se que «hoje Roma mantém os seus registos, e amanhã, quando alcançar a vitória, apresentará a sua conta». Nessa mesma ocasião, o governo francês do marechal Pétain era claramente acusado de não haver defendido energicamente Madagáscar, e de na Martinica, por intermédio do almirante Robert, ter-se entendido com os adversários de Berlim. Daqui a conclusão de que a França fazia jôgo de duas caras, não zelando pela integridade dos territórios em cuja posse é por efeito do armistício, mera delegada do «Eixo». E em Roma, clarificava-se a questão nestes rotundos termos de que só o tempo e a divina Providência que o rege, serão oportunos juizes: «A influência russa será eliminada dos Balcãs. A influência inglesa e francesa serão eliminadas do Mediterrâneo». Quando Laval revelou ao público mundial a sua resposta a Cordell Hull acôrda da Martinica, que o ministro de Roosevelt não houve em consideração, e alegou nesse documento que o governo de Vichy não podia subscrever actos que contendessem em cláusulas e obrigações do armistício, olhava

sem dúvida mais para Berlim e Roma do que para Washington. A réplica transalpina foi acêsa, como se vê, mas em Londres ninguém lhe atribuiu seriedade. Hitler em Salzburgo teria podido lembrar a Mussolini que o urso ainda viajava na floresta, que (tal como êle teria feito saber há pouco ao presidente Riti e ao marechal Mannerheim na Finlândia), o «Duce» tinha de seguir com êle no mesmo barco, e que só a vitória resolveria os problemas, nada mais devendo Mussolini fazer do que manter-se. A posição do chefe italiano no seu país exigia, porém, mais do que esperanças.

## AS MÃOS DO JÔGO DE LAVAL



LAVAL

A 23, em Washington, havia já, a correr uma versão que representava variante da que é o primeiro ponto de vista que relegava as reclamações italianas para depois da guerra. O «Duce» pretendia como «minus habens» immediatas concessões na Tunísia e uma rectificação na fronteira italiana. Laval deslocara-se para Paris. Em Berna, no dia 1, constava que Hitler, vindo em socorro do seu parceiro, forçara o político francês a uma resposta em breve prazo. E eis porque o Conde Ciano, no seu já citado discurso de 30, que atrás apontámos, se tornara moderado. Laval, porém, mantinha o seu contacto com o marechal Goering que, desde início, vinha seu padrinho e medianoiro sob a directriz do «Führer». O general Nogués e o almirante Esteve, respectivamente residentes gerais em Marrocos e na Tunísia, chamados a Vichy, novamente manifestaram a discordância da África do Norte com tudo quanto representasse desvio na atitude até hoje seguida, deslocando o equilíbrio instável da França. Foi por esta altura que surtiu na imprensa o rumor de que Darlan dera ordem à esquadra para que se afundasse, antes de cair em poder de quem intentasse apoderar-se dela. As declarações quasi protestatórias dos dois residentes, serviram a Laval para se conservar na mesma linha da sua finalidade: — transigir numa cooperação de carácter económico

## “HERPETOL” PARA AS DOENÇAS DA PELE



Uma gota de «Herpetol» e o seu desejo de coçar passou A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada. Refresca e alivia a pele. Especialidade solidamente acreditada para todos os casos de ECZEMA (húmido ou seco), crostas, espinhas, manchas, erupções ou ardências na pele. Até hoje ainda não apareceu coisa melhor.

À venda em todas as Farmácias e Drogarias  
PREÇO AVULSO: 11\$00

(racionalizada comparticipação das indústrias franco-alemãs, fornecimento ao Reich de centenas de milhares de operários franceses) e obter o recuo das pretensões italianas. Neste sentido as negociações continuaram e principiaram até a cumprir-se. No dia 7, perante representantes de organismos sindicais, o chefe do governo de Pétain precavizava a união sindical no trabalho de uma produção intensiva, «tanto no interior como fora das fronteiras», para que se realize a política do governo «de reconciliação e entendimento com a Alemanha». No dia 10, um despacho de Estocolmo transcrevia trechos do órgão do Marechal Goering, dizendo quanto às reclamações da Itália que «assuntos desta natureza exigem tempo». Laval parece, pois, ter conseguido o que imediatamente mais importa à sua permanência no poder, e cortado cerce a manobra que em Vichy faria contra ele a falange de Doriot, apresentando o seu «leader» candidato à presidência do gabinete, como homem indispensável à Alemanha. Mas Doriot nunca viveu senão destes expedientes, desde o tempo em que em 1926, comandando o marechal Pétain as operações contra a rebelião marroquina, o futuro «prôneur» das campanhas anti-comunistas, que usa hoje farda e divisas de oficial do exército alemão, telegrafava ao chefe dos revoltosos mouros incitando-o a expulsar a França do Norte de África — pelo que andou em riscos de fuzilamento.

Laval ganhou a mão no jogo com a Itália. Ao próprio Doriot, segundo um telegrama de Vichy no dia 12, ele retorquia de rijo: «Doriot espera tomar o poder para si mesmo, mas o poder é o Governo, e o Governo sou eu». O marechal Pétain vinha logo depois afirmar publicamente a sua confiança na política francesa.

Ganha, porém, a partida sobre a Itália, com o apoio de Goering, em troca do que a Alemanha mais precisa — a mão de obra e os produtos — em que posição fica Laval com as Nações Unidas?

Está pendente o caso da Martinica. Sabe-se que Cordell Hull anunciava no dia 10, poder haver novos acontecimentos nas ilhas dentro de dois ou três dias. Até agora não se deram. Mas havia no Rio de Janeiro a certeza de que os submarinos que atacavam a navegação brasileira tinham bases na Guiana Francesa, onde se davam suspeitos movimentos de tropas coloniais. Em Madagáscar a ocupação britânica prosseguia mas, além da prisão e morte de dois oficiais japoneses na ilha (prova da complacente cumplicidade de Vichy), submarinos nipônicos alarmavam o pórtulo sul-africano de Durban e afundavam navios no Canal de Moçambique. Onde têm eles as suas bases? Na ilha da Reunião? Na própria Madagáscar? Em outro ponto da costa africana?

A posição de Laval era portanto difícil perante as Nações Unidas. Pois foi naquele mesmo dia 10 que o almirante Leahy, antigo embaixador norte-americano em Vichy, que o fez de certo com autorização da Casa Branca, veio a público pregonizar o reatamento das relações com Vichy:

«O povo francês é prática e unanimemente a favor da América, desejando a derrota das potências do «Eixo». Mas depois da sua completa derrota militar, não está organizado nem articulado, não tendo qualquer influência na composição ou na política do governo. No en-

tanto, não há outro meio senão por intermédio do governo, para mantermos o contacto com o povo francês. A manutenção das relações diplomáticas com os governos que se vão sucedendo, mantém viva a esperança do povo francês ser libertado do opressor. A continuação das relações diplomáticas também torna possível manter o governo francês informado sobre a atitude dos Estados Unidos».

É inútil acentuar que não há maneira de conjugar isto com a posição dos aliados resultante do tratado de Londres e bem assim com o aviso do governo inglês à população do litoral atlântico da França para que de lá se afaste, em vista de ataques próximos. Mas se Laval conseguisse que os Estados Unidos (que reataram já as relações comerciais com a África Francesa do Norte) regressassem a Vichy, a manobra lavalista daria tanto resultado para um lado — o de Berlim e Roma — como para outro — o de Londres e Washington. Manobra de enguia. Duas mãos num jogo de capicua, ou de duas faces, que suscita perguntas sobre o que para tão estranháveis coisas se terá passado nos bastidores, e fora das vistas do povo francês...

#### HOJE E AMANHÃ



E visto que nos referimos à França, é preciso dizer que o mundo não dispensa o grande país latino, e neste momento em que, como atrás dizemos, a inter-rogação do que será o **depois-da-guerra** domina os

espíritos, é dever chamar a atenção para o clamor que se vai formando na indignação da alma francesa e cuja explosão retumbará de novo com um poder que a história já previu. Basta folhear uma dessas fôlhas clandestinas que enxameiam no país ocupado; para verificar em que sentido elas falam. Nenhum dos velhos partidos subsistirá intacto.

As vozes que há pouco reclamaram no Congresso do Partido Trabalhista reunido em Londres, reforçando Churchill contra os «clans» do conservadorismo, repelindo as alianças com os comunistas, e incitando ao máximo o esforço operário para a vitória marcam uma directiva de que não devemos afastar os olhos. «É possível que haja quem pense regressar às lutas dos partidos. Engana-se redundante» — disse Atlee, que continuou assim: «Devemos não somente promover a justiça e a paz no mundo, bem como a cooperação entre todos os países, mas também estamos dispostos nos anos que se seguirem à guerra a manter uma organização disciplinada que impõe sacrifícios causados pela guerra e que se prolongam na paz. O povo britânico está pronto para essa cooperação com as outras nações, dispondo-se a manter as forças armadas necessárias para evitar que a Alemanha ou qualquer outra nação possa lançar novamente a guerra».

Veja-se como o Cardinal Hinsley em nome dos católicos, o Dr. Fisher em nome dos anglicanos e o chefe da igreja livre formularam os três princípios comuns da reconstrução social da Inglaterra: — «Que todos

# Ganorama Internacional por Francisco Velloso

os cristãos têm obrigação de manter a herança cristã ao mesmo tempo que a extensão efectiva da sua influência sobre os problemas cívicos, sociais e económicas; — que há uma grande zona comum na qual, sem levantar questões de ordem material que nos dividem, é possível uma cooperação inteira; — que entre as liberdades essenciais deve estar a liberdade cristã de culto, que provém da nossa consciência, e a educação das crianças na fé de seus pais.»

Do outro lado do Atlântico, Summer Wells declarava em Arlington: «Não haverá povo, após a vitória dos aliados, que seja obrigado a olhar perpetuamente para a frente, vendo-se a braços com fome e misérias. O que o mundo

produz, após a guerra, deve ser distribuído equitativamente entre todas as nações».

Há aqui ressonâncias que não faltham, de transformações profundas no domínio social, que já invadem o campo da política internacional. As aspirações trabalhistas sobre a Alemanha serviram de tema a Lord Vansitart, o homem do Foreign-Office, para relembrar: «Quando terminar esta guerra e os alemães estiverem vencidos, não dêem ouvidos a ninguém que seja de opinião que eles devem ser novamente ajudados a recomeçar outra vez. É positivamente a vossa última oportunidade de vida. Peço-lhes que me acreditem. A Civilização não sobreviverá, certamente, a uma terceira guerra como as duas últimas».



O ACADÊMICO Riccardo Bacchelli pronunciando a conferência com que encerrou ultimamente o ano lectivo do Instituto de Cultura Italiana.

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS  
PELÍCULAS



A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED  
ILFORD - LONDRES

# Juvenal, Arminda e Seu Juvenalzinho Limitada

Conto quasi brasileiro por Luiz Palmeirim

**J**UVENAL da Silva Tibiriçá tinha nascido havia perto de trinta e seis anos em Pôrto de Maria Angú, suburbio simpático do Rio de Janeiro, quando conheceu a Dondóca, a sua Dondóca, — baptizada numa igreja da Serra da Estréla com o nome de Arminda — mocetona portuguesa de uns maravilhosos vinte e seis, robusta, perfeita, de grandes olhos negros e dona e um corpo que era o «Deus nos acuda!» da rapaziada de por ali, dona como era de carnes sólidas e bem lançadas e peito alto, bamboleante, provocação viva dos cariocos quando vinha à cidade com as suas arrecadas de ouro nas orelhas e o seu cordão ao pescoço, e a raiva do pequenname lá do sítio que, por troça, lhe chamava «a bela portuguesa». — e que o era e à farta! — como se a Dondóca fôsse rosa que se desfolhasse ou emmurchece... Qual! A raparigona era de respeito; tinha senhoria no catálogo das casadoiras das redondezas — e que redondezas! — e só uma vez se zangara com um conversado que tinha tido e que viera dizer — o que ela jurou ser falso e não querer provar — que a Dondóca tinha as pernas tortas. Só isso a ofendia, porque mesmo naquela noite em que dançara o maxixe com o Manuel Malvado e êle, metendo-lhe a perna para a levantar ao ar a tinha deixado cair, ninguém vira essas colunas de mármore côr de rosa moldadas pela mão de Deus. Sabia que era bonito e quando lhe falavam do seu «pouco de nascimento», respondia que nascera de «igual para igual com a senhora morgadinha de Mangualdes».

Dondóca vivia feliz com o «seu» Juvenal: davam-se até muito bem. Para mais, «seu» Juvenal não era ciumento e pensava, e pensava bem, que «se Deus os ajuntara, não havia moleque que os desapartasse». Feliz e confiado vivia e trabalhava como um moiro, se é que esta raça de gente trabalha mais que as outras, mas trabalhava sempre e sempre na idéia de que coisa alguma faltasse à sua companheira, à sua linda mulherzinha, à sua Dondóca, pudinzinho de leite com canela, «mãe-benta» embrulhada em folha de bananeira. Para êle, para o «seu» Juvenal, a sua Dondóca era um maná do céu e não havia quitute mais saboroso que um beijo da sua linda sinházinha, morena portuguesa, de olhos rasgados e tão bonitinhos como os das morenas do Ceará.

Dondóca, também trabalhava: ajudava a casa e o seu homem, o «seu» Juvenal, que saía cedo para ir para o seu serviço na cidade. E havia que ver, quando êle chegava, o arrumo das salas pequenas naquela casa de pobres: sempre uma flor fresca em cada jarrinha da salinha de jantar; o badalar das horas num relógio que lhes tinha saído num sorteio; o almofadão da cama coberto com um pano de rendas de Macéio; uma oleografia tapada com uma gaze e que representava as quedas de água do Yguassú; um Anjo da Guarda

que lhes sorria e um canapé protegido com um pano branco, de linho. No quintalito havia couves e alfaces que a Arminda — a bela portuguesa — regava tôdas as manhãs e tôdas as tardes, e, como lembrança de uma noite de Santo António, um vaso vazio onde tinha morrido um mangerico...

Assim viveram durante três anos: Deus os tinha querido juntar sem perguntar a nenhum se tinham passado pela igreja: Cupido — o Deus profano — é que tinha olhado para ambos; tinham-lhes piscado o olho e empurrára-os com força, um contra o outro. Do en-

casava. Juvenal da Silva Tibiriçá, nascido em Pôrto de Maria Angú, começou a empreender com a história e disse à mulher que era melhor que o médico a visse.

O doutor Saraiva fêz-lhe algumas perguntas, poucas, e voltando-se para Juvenal, pôs-lhe a mão no ombro e disse:

— «Seu» Juvenal! Parabéns! Você vai ser pai!».

Juvenal olhou para Dondóca. Dondóca corou, retorceu a ponta do lenço branco que tinha nas mãos para enxu-

amiga? É que Juvenal era um homem de boa-fé e pensava e pensava bem:

— Se ela se ajuntou a mim, porque é que há-de querer desajuntar-se?

A idéia de um filho, transtornou-o. Se tivesse sido logo ao principio, estava bem, era natural; mas, tanto tempo depois...

No caminho para casa, Juvenal quasi não falou: era sempre a mesma mofoina idéia a atormentá-lo. E se o filho não fôsse dêle? Na alma de aquêle bom homem, amulato e quasi feio, havia uma alma de Otelo disfarçada em filho do Pôrto de Maria Angú. Êle não tinha, é verdade, o sangue-mau do moiro de Venêza; não era vingativo, mas tinha lá dentro um bichinho a fazer «rói-rói»: era o malvado ciúme.

A Dondóca percebeu e não se zangou: percebeu que aquêle homem que não tinha boniteza nenhuma e que não era novo, tinha razão, tinha direito a ter ciúmes. Naturalmente, ela própria, à sua hora de banho, olhando-se no espelho, devia ter a sensação de o «seu» Juvenal se enciumar por ela. Dondóca era uma estátua clara, moldada em mármore com flexibilidade de carne. Mas Arminda, a serrana, gostava dêle, feio e pobre e tudo como era. Adorava êsse homem — Juvenal da Silva Tibiriçá, a caminho dos quarenta anos, nascido em Pôrto de Maria Angú, — que olhava para ela com medo que ela não gostasse dêle. E, mais: tinha até orgulho em gostar. A rapariga defendia a sua honestidade sabendo que amava e que gostava dêsse quasi taboco mais velho do que ela, que ela sabia ser tão perfeita e tão bonito.

Porquê?

Porque êle sabia gostar; porque lhe tinha dito palavrinhas diferentes das dos outros homens namoradores; porque êle era o «seu» homem, o que a tinha percebido no mesmo dia em que lhe perdoara o passado e lhe tinha tapado, com um grande beijo na boca, uma história triste e vulgar... E gostou dêle porque sabia que êle gostava da sua serrana bonita, a dos peitos altos e fortes, espectáculo de carne que era maravilha para os seus olhos de mulato tímido — Juvenal da Silva Tibiriçá, perto dos quarenta anos, nascido para ali, em Pôrto de Maria Angú... Verrumou-lhe cada vez mais no espirito a idéia do ciúme. Atormentava-o a hora de chegar a casa. Apavorava-o a idéia de um encontro mau. E, ao mesmo tempo que desconfiava — êle era só Juvenal da Silva Tibiriçá e era feio — tinha a certeza que a sua linda Dondóca, a sua serrana linda de Portugal, o seu «dêndên», o não tinha enganado. Pois se lhe perdoara quando êle uma manhã lhe disse, confundido e triste:

— Tenho o pressentimento de que tudo acabou entre nós!

Mas que idéia seria aquêla, tão teimosa e tão firme, a morder-lhe a alma, a tirar-lhe o sono, a afligi-lo de um minuto para outro minuto? Juvenal da Silva Tibiriçá pensava nos impossíveis e descartava tudo quanto lhe parecia mentira para acreditar em uma verdade só: o «seu» filho não era dêle; não podia ser dêle, tão amulato, tão feio,



— Juvenal! Dá-me um beijol Beijo o teu filho...

contrão tinha nascido aquêle amor que tinham sabido santificar no saber querer-se. E queriam-se muito, Juvenal da Silva Tibiriçá, nascido em Pôrto de Maria Angú, e Arminda da Conceição, baptizada na igreja da Serra da Estréla: êle não tinha ciúmes; Dondóca só gostava do «seu» Juvenal. Era a vida bendita dos que se juntam por amor...

Um dia, porém, Dondóca começou a andar pálida. Entristeceu. Os olhos pisaram-se-lhe e não sabia se rir, se chorar. Comia pouco e o pouco que comia não lhe ficava no estômago. Tudo a

gar um suor teimoso. Arfou-lhe o peito alto e bonito e Juvenal, pela primeira vez, teve ciúmes: depois de três anos de viver juntos, êle tanto tempo fora de casa, a sua marotazinha tão bonita e êle tão Juvenal da Silva Tibiriçá, nascido há tanto tempo em Pôrto de Maria Angú... Porque nunca teria tido a idéia de saber o que ela fazia enquanto êle andava no trabalho, na luta brutal para que coisa alguma faltasse ao seu pudinzinho de leite com canela? Porque não tinha feito caso de aquela carta anónima assinada por «Uma pessoa sua

tão Juvenal da Silva Tibiriçá, tão de quasi quarenta anos, tão filho do Pôrto de Maria Angú e ela tão serrana, tão nova, tão bonita...

E, sem coragem, chorou.

\*\*\*

Passaram-se meses sôbre a sentença do dr. Saraiva. Dondóca vivia tôdas as tardes em casa, com novelos de lã sôbre os joelhos, umas agulhas de fazer malha e muitas lágrimas molharam o enxovalito do bêbé que ia nascer. Quando saía, era para ir a casa da Senhora Rita, que tinha uma boa máquina de costura e não tinha homem.

Uma tarde, a serrana bonita e de olhos pisados, falou à sua vizinha e amiga:

—Qual, senhora Rita: o meu Juvenal já não é o mesmo para mim! Nem um beijo me dá e o dinheiro que deixa ficar aos sábados, tem o tenir de uma offensa. E porquê? Que mal fiz eu, senhora Rita? Que cá para mim é indrômina de outra mulher que se atravessou, e desta ninguém me tira...

O Senhora Rita tirou uma travessa da cabeça, ageitou os cabelos e foi dizendo:

—Franqueira, franquezinha, minha filha, eu sei que ele já foi a casa da Rosa Quitadeira, que deita cartas, para saber se o que está para nascer é d'ele ou não é!

Nessa noite a mocetona mal dormiu e mal pôde encorar o «seu» Juvenal que já tinha quasi quarenta anos e nascera em Pôrto de Maria Angú, coisas de que ela só se lembrava quando se mordida por dentro. A vida pareceu-lhe acanhada; a casa pareceu-lhe pobre; o homem, só o homem lhe não parecia feio e era e ela bem o sabia: pareceu-lhe ingrato, que é a forma mais feia de ser-se mau. E na manhã do outro dia, disse ao que ela tinha por marido:

—Esta vida assim, não tem jeito, não! Ou você se deixa de tanta molequagem ou eu dou o fora! Eu sei que você foi a casa da Rosa Quintadeira a perguntar se o filho era seu. Tu tens o direito a tudo, até a me bater porque és o meu homem; mas a me ofender, isso não!

Juvenal da Silva Tibiriçá olhou espantado. Nunca pensara que a sua Dondóca o deixasse, mas assustou-se com a ameaça. E se o filho fôsse d'ele? Não abriu a boca porque não sabia o que dizer: tomou o seu cafézinho, tomou o «bonde» e tomou uma resolução: nesse dia, contra o costume, não foi ao emprego e à tarde tomou um copinho de coçaça.

Mais cedo que o costume, voltou para casa. Entrou e na salinha de fora lá estava a sua Dondóca trabalhando nos fatinhos do que estava para nascer. Juvenal não disse uma palavra: a voz era uma facha espetada na garganta. E, muito envergonhado, deixou ficar no colo da mulher, com muito cuidado, não fôsse magoar o inocentinho, um embrulho leve que trazia.

Dondóca abriu: viu o que era. Sorriu e deu-lhe um beijo... E Juvenal da Silva Tibiriçá, nascido em Pôrto de Maria Angú, os braços caídos, a boca seca, não disse nada...

Assim era o feito de «seu» Juvenal, que tinha medo de tanto gostar da sua Arminda tão bonita, tão faceirona, de olhos tão grandes que até pareciam um mar de água, quando deitava uma lágrima, e ele tão feio, tão côr de café com leite, com medo que ela já não gostasse d'ele... Mas, pensava: «porque é que um dia tinha gostado e tinha deixado de gostar, se todos os dias d'esse quasi quatro anos tinham sido iguais?»

Juvenal não percebia; não percebia porque é que havia de querer ter razão, uma razão que ele não queria ter, mas que queria ter por força. Envergonhava-se de uma suspeita que a sua fealdade unicamente justificava e passava

aquele tormento de vida, a olhar para a sua Arminda, a querer pedir-lhe perdão de a ter ofendido e sem ter coragem...

Uma vez — recordava êle — quando tinham ido ao Alto da Tijuca até à Cascatinha, a Dondóca tinha-lhe pedido que tirassem o retrato juntos. Um fotógrafo de «à la minute» insistia e a Dondóca também. Mas o pobre Juvenal disse que não; «que não era por causa do dinheiro, mas porque era sinal de apartamento». E não se falou mais nisso... Quem o tivesse podido olhar por dentro, veria que era a vergonha de ficar ao lado de uma mulher tão bonita, tão bonita como era a sua sinhazinha de olhos grandes, olhos de «pêixe», de boca linda e de corpo tão belo, que os outros, a malta dos amigos, quando vissem a fotografia, não acreditassem que ela fôsse a mulher d'ele...

Além disso, Juvenal da Silva Tibiriçá sabia que se encaminhava, com uma pressa que não queria, para os quarenta anos e que tinha nascido em Pôrto de Maria Angú. Mas — quantas vezes! — quando a sua Arminda, a sua Dondóca, o «chódó» da sua vida lhe dizia que gostava d'ele, o bom do homem se apresentava diante do espelho e não se via tão feio nem tão escuro. Para mais, aquele «da Silva» que tinha no nome não lhe tirava e antes aumentava a idéa de ter costela de português. Tibiriçá, não; mas «da Silva» era para êle uma esperança de ser quasi parente da sua Arminda da Conceição, sem mais nada, sem ao menos ser «da Silva», como êle.

Dondóca teve um filho. Um rapazinho claro, de olhos escuros e cabelo ondulado mas sem ser em carapinha. A Senhora Rita, que estava lá, disse logo, enquanto dava o primeiro banho ao garoto e os primeiros açoites que um homem leva pela vida fora — prelúdio sinfónico e muito modesto da data de coices que vem depois! — que «o menino era tal e qual a cara do pai». Bem olhado, a sangue-frio, e sem uma grande má-vontade, era uma espécie de coelhinho esfolado e encarniçado como quasi tôdas as crianças quando nascem.

Juvenal olhou para o garoto e não gostou. Não concordou com a que já estava convidada para comadre na Pretoria e na igreja e que, naquele momento solene, tinha sido comadre de outra espécie.

Juvenal saiu: andou por ali, ao acaso, sem saber para onde ir nem o que fazer. Andava, passava, tornava a passar, alhava e não tinha coragem para entrar. Não era medo, não: era a coragem que lhe faltava, que cada vez lhe faltava mais...

A Senhora Rita veio à rua e deu de cara com o pobre homem. Êle disse que o afligião «aquelas coisas» e a boa mulher respondeu que ia num «pé de vento» buscar pó de murta para pôr no umbigo do menino. E disse-lhe também que a Dondóca já tinha perguntado por êle um fartão de vezes.

Juvenal da Silva Tibiriçá, de quasi quarenta anos e nascido em Pôrto de Maria Angú, ageitou a gravata que lhe fugia por debaixo do colarinho; não teve coragem para dizer que não, fêz a vontade a si próprio e entrou. Que mais queria êle que estar ao pé da sua mulherzinha, da sua serrana bonita, de olhos grandes, de corpo bem feio e que lhe tinha dito, um dia, que gostava d'ele?

Mas... o filho? E naqueles poucos passos que havia que dar, — era só atravessar o quintalinho, passar pela casa de jantar e chegar ao seu quarto de dormir, — a cabeça d'esse pobre homem foi um formigar de idéias tôlas, que êle sabia que eram tôlas, de idéias certas e, de tôdas, uma era a mais forte: êle gostava muito da sua Arminda



O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA GUERRA visitando o Colégio Militar, acompanhado por altas personalidades militares, durante as festas de encerramento do ano lectivo naquêlê estabelecimento de ensino.



ASSISTENCIA AO ESPECTÁCULO INAUGURAL da nova época do «Teatro do Povo», iniciativa do Secretariado da Propaganda Nacional.



NA CASA DAS BEIRAS — Um aspecto do baile de despedida dos novos agentes técnicos de engenharia do Instituto Industrial de Lisboa.

e até se ela lhe dissesse que o tinha enganado e que o filho não era d'ele, êle gostava tanto, tanto e tanto dela que era capaz de lhe perdoar. Mas — dizia de si para si — só uma coisa não lhe perdoava: continuar a enganá-lo, a mentir-lhe com uma mentira que já não lhe importava que fôsse verdade.

Uma luz pequena, sumida, alumia o quarto. Aos pés do cama uma banheira redonda, de zinco, que a Senhora Rita tinha trazido emprestada, e em cima do mesa de cabeceira, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a santa dos portugueses, a santa do nome da sua Dondóca, Arminda da Conceição.

Os olhos avermelhados, sem saber como se ri e como se chora, Juvenal olhou para a mulher. Deitadinho sôbre o braço esquerdo estava o pequeno, bem chegado ao peito, no mesmo sitio onde êle, Juvenal, tantas vezes encostara a cabeça. E com as lágrimas a cair, quasi a tremer, sem coragem para dar mais

um passo, Juvenal da Silva Tibiriçá ouviu uma voz fraca que lhe pediu:

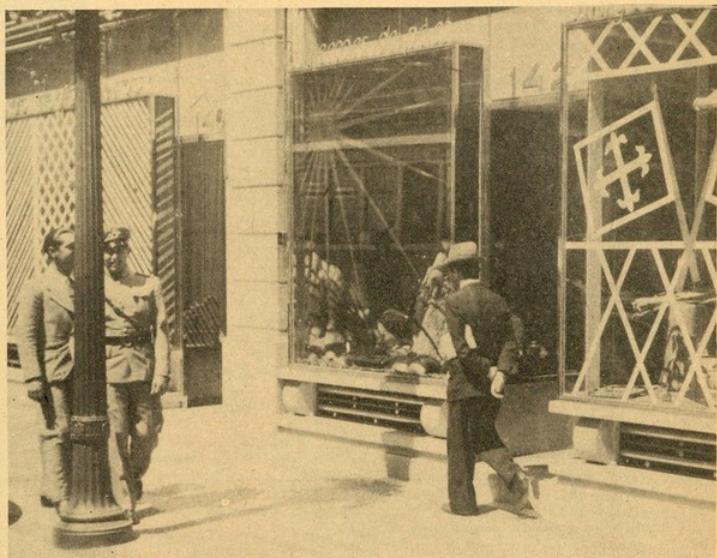
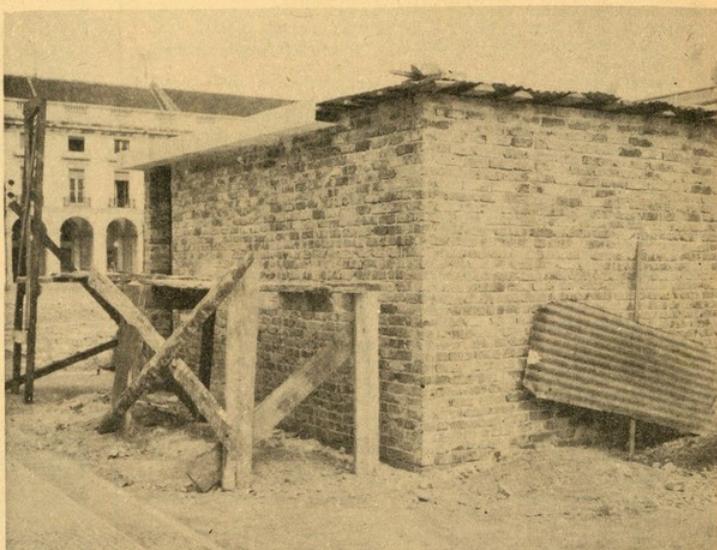
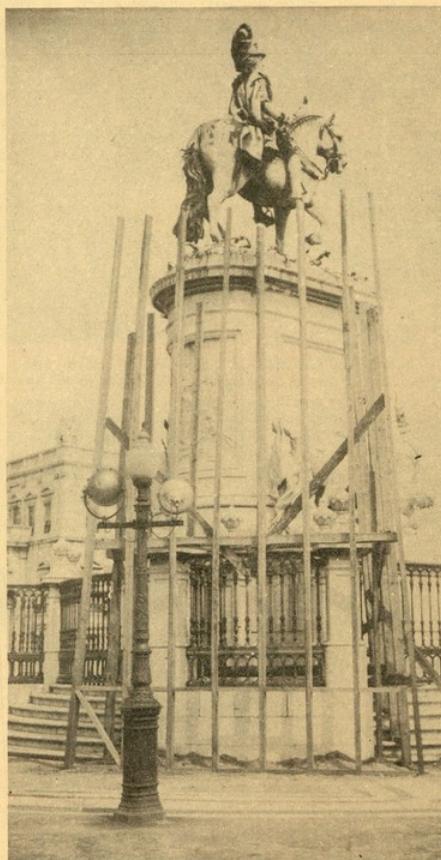
— Juvenal! Dá-me um beijo! Beija o teu filho, que é todo o nosso amor!

\*\*\*

Juvenal da Silva Tibiriçá nunca mais disse a sua idade o mais ninguém e garantia a toda a gente que era português. Era Silva e foi o homem mais feliz de todo o Distrito Federal e depois do Juvenalzinho da Conceição da Silva Tibiriçá, que já atira pedras às vidraças dos vizinhos, não há pessoa mais contente neste mundo.

Acabou por convencer-se que não era mulato, que não era mesmo nada feio e até que não tinha nascido em Pôrto de Maria Angú: era da Serra da Estrela, da terra de «seu Vriatou», um português valente em que a sua Arminda falava muito e que era uma pessoa tão notavel que até tinha o retrato plantado nos selos do correio, quando a sua Dondóca, de quando em quando, escreviam de Portugal...

# OS preparativos para os exercícios de defesa contra ataques aéreos em Lisboa



Em cima—A escararia colocada em volta da estátua de D. José para segurar os sacos de areia que hão-de defender o monumento.—À direita, de cima para baixo—Um dos abrigos-tipo, todos iguais, em construção em vários pontos da cidade.—Nas lojas da Baixa, a colocação das tiras de papel nas montras dos estabelecimentos dá, por vezes, motivo a curiosos efeitos decorativos.—Um aspecto dos trabalhos de construção dum abrigo moderno a edificar na Praça do Comércio. Na foto pode ver-se o traçado das suas divisões interiores e das entradas.



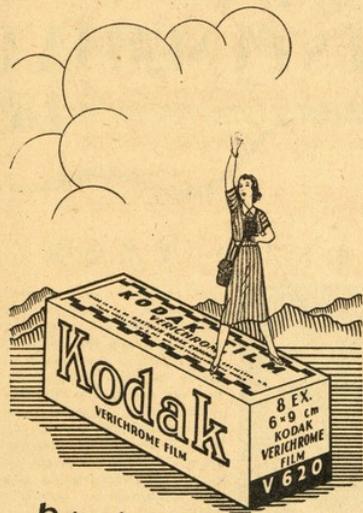
JÁ HÁ DIAS que todos os prédios de Lisboa têm colocados nas janelas as tiras protectoras de papel para evitar a queda dos vidros estilhaçados. Aqui vemos um edifício da Baixa com todas as janelas e portas protegidas



COM VISTA aos próximos exercícios de defesa contra ataques aéreos, ultimam-se na cidade os preparativos necessários. Dêes damos na página da esquerda e nrs fotos acima, breve reportagem gráfica.



O SR. ENGENHEIRO visconde de Almeida Garrett efectuou recentemente, na Sociedade de Geografia, uma interessante conferência sob o tema, «Os Estados Unidos da América, terra grandiosa — Impressões duma viagem de costa a costa». Na foto, vê-se o conferente, após ter lido o seu trabalho, recebendo os cumprimentos do sr. ministro da América



*Película* **Kodak**  
para "fotos" cheias de vida



Fernando Fragoso  
FOI POSTA À VENDA  
UMA NOVA EDIÇÃO DE  
«VIDA MUNDIAL»

**HOLLYWOOD  
EM LISBOA**

VIDA MUNDIAL EDITORA

As grandes vedetas de cinema, que a guerra trouxe a Portugal, entrevistadas e retratadas por

**FERNANDO FRAGOSO**

que as apresenta tais como são na vida real, longe do ambiente dos estúdios, fora da mentira da publicidade!

A Verdade sobre CHARLES BOYER, VIVIEN LEIGH, TYRONE POWER, JAN KIEPURA, MICHELE MORGAN, MADELEINE CARROLL, RAMON NOVARRO, JEAN GABIN, MARTHA EGGERTH, LOUIS JOUVET, SIMONE SIMON, PADEREWSKY, ERIC VON STROHEIM, ANNA NEAGLE, POLA NEGRI, LAURENCE OLIVIER, BEBE DANIELS, ETC.

Distribuidores gerais:

Agência Internacional — Rua S. Nicolau, 119 — Lisboa

# FALA-SE ESTA SEMANA DE...

## ARMANDO FERREIRA



Que acaba de publicar um novo volume de contos e novelas, intitulado «Um livro de graça» — que é, na realidade, um livro cheio de graça. Humorista de méritos muito apreciados, contam-se por êxitos os seus livros — que se esgotam mal são postos à venda. Verdadeiro campeão do riso nacional, Armando Ferreira segue triunfante, como numa corrida de velocidade, batendo um record de livreria em cada etapa. É — ao contrário do que sucede nas competições desportivas — os seus admiradores, que o aplaudem e incitam entusiasticamente, só lhe pedem que continue e nunca mais termine a corrida — nunca mais chegue à meta...

## D R I V O C R U Z



Que partiu recentemente para Berlim onde vai, em representação oficial do nosso país, tomar parte nos trabalhos do Congresso Permanente da Cooperação Internacional dos Compositores. Músico distintíssimo, professor ilustre, director do Conservatório Nacional de Lisboa e director da Orquestra Filarmónica, tem em todos estes lugares desempenhado, com cabal satisfação e grande brilhantismo, as importantes missões de lhe foram confiadas. Impulsionador de grandes iniciativas de carácter artístico, tem proporcionado ao nosso público espectáculos inolvidáveis. A distinção que lhe foi conferida agora é absolutamente justificada.

## EDGAR MARQUES



Escritor de grandes possibilidades, cujo aparecimento na vida literária portuguesa foi saudado pela critica com homenagens superiores às que habitualmente se prestam aos consagrados e que acabou, no seu novo livro — o romance «Maria da Purificação» — de justificar plenamente todas as esperanças que nos seus méritos haviam posto quantos esperavam ansiosamente nova obra sua para sobre elle se pronunciarem. «Maria da Purificação» é um quadro social de forte realismo. O seu autor, romancista de recursos, já de posse duma técnica segura, distante das frivolidades românticas de muitos escritores e compenetrado da missão espiritual dos intelectuais, tem já os louvores que lhe são rendidos

## GASTÃO DE BETTENCOURT



Distinta jornalista e escritor que recentemente efectuou, no Porto, uma interessante conferência de divulgação cultural subordinada ao tema «O homem primitivo do Brasil e o seu sentido eterno do ritmo». Musicólogo, conhecedor profundo e consciente do Brasil, Gastão de Bettencourt, que foi convidado a deslocar-se à capital do Norte pelos «Estudos Portugueses» da Câmara Municipal do Porto, teve ocasião de afirmar, mais uma vez, as suas qualidades de ensaísta e de crítico, através dum trabalho que se revestia do maior interesse intelectual.

os fotografos de todo o mundo

usam "ferrania" A PELICULA QUE NUNCA FALHA

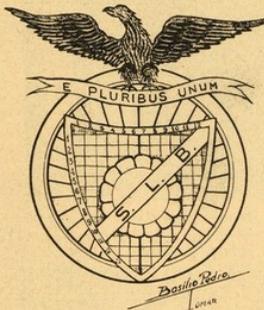
PORQUE AS PELICULAS FERRANIA PARA AMADORES, OFERECEM TÓDAS AS GARANTIAS DE PERFEIÇÃO E REGULARIDADE E QUE SÓ AS BOAS E GRANDES MARCAS ESTÃO EM CONDIÇÕES DE O FAZER

**J.C. ALVAREZ, L. DA**  
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA  
205-RUA AUGUSTA-207-LISBOA

ETP 542

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 29



**HORIZONTAIS:** 1 — Campeão; Bola. 2 — O governo do reino (pl.); Cartel. 3 — Estaca a que se liga a vide; Abrev. de Fulano. 4 — Nome de uma letra consoante (pl.); Decifrei. 5 — Argola; Qualquer. 6 — Abrev. de Oeste; Vale 500, em numeração romana. 7 — Abrev. de Sul; Cifra. 8 — Zero; Abrev. de Santo. 9 — Abrev. de Autor. 10 — Artigo feminino plural. 11 — Senão; Compaixão (plural). 12 — Circulo; Discurso. 13 — Preposição; Ruim.

**VERTICAIS:** 1 — Fruto da azeiteira. 2 — Terrível. 3 — Decurso de tempo. 4 — Ave pernalta, espé-

cie de avestruz; Prejudicial. 5 — Atiti; Unidade principal das medidas agrárias. 6 — Artigo feminino plural; Maneira. 7 — Bom; Vantagem. 8 — O mais; Mas. 9 — Além; Causa. 10 — Vogal; Carta de jogar. 11 — Briga de atletas (pl.). 12 — Remate.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 28**

**HORIZONTAIS:** 1 — Renome; Macaco. 2 — Era; Ancos; Lar. 3 — Nô; Iço; Lis; Ré. 4 — Ajuda. 5 — Erva; Ova; Alah. 6 — Ruano; Ataca. 7 — Crá; Mio. 8 — Archa; Slavo. 9 — Tóro; Mar; Alar. 10 — Caril. 11 — És; Ver; Sua; Ss. 12 — Tua; Acata; Pés. 13 — Assára; Er-mara.

**VERTICAIS:** 1 — Render; Atleta. 2 — Ero; Rubro; Sus. 3 — Na; lva; Cró; As. 4 — Ancho. 5 — Maça; Ora; Cear. 6 — Enjojo; Marca. 7 — Uva; Dar. 8 — Molda; Riste. 9 — Asia; Ais; Luar. 10 — Atola. 11 — Al; Ala; Ali; Pá. 12 — Car; Acova; Ser. 13 — Orelha; Oressa.

Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos — Fonseca e Roquete; Do Povo; Sinónimos e Mitologia — de Bandeira; e Mitologia — de Chompré.

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00. Estrang. c/convensão — 12 meses (48 núm.) — 65\$00. Estrang. s/convensão — 12 meses (48 núm.) — 80\$00.

# Figuras da Vida **MUNDIAL**



SERRANO SUNER, ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Espanha, que tem desempenhado importante papel na vida política europeia, e há dias seguiu para a França e Itália em viagem de cortezia. (Caricatura de Santana)

SANTANA

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo X - nos areais da Líbia

3

### O FIM DA CAMPANHA

**A**FASTADO o perigo que, imediatamente, impendia sobre o Egipto, que ia fazer o comando britânico? Limitar à defesa da fronteira as operações em curso ou prosseguir estas até ao limite das suas possibilidades materiais? É difícil dizer se o general Wavell tinha a intenção de prosseguir na sua marcha vitoriosa para occidente ou se foi levado a isso pela facilidade com que as suas tropas prosseguiram num avanço que, depois da queda

de Bardia, tomava proporções inesperadas. Nesse avanço havia características especiais. A resistência do inimigo nos pontos fortificados era porfiada durante a primeira fase da luta. Uma vez decidida esta, o número de prisioneiros feitos e a importância do material tomado excediam a expectativa dos atacantes. Mas a sua surpresa aumentava à medida que as principais localidades do percurso caíam em seu poder. Sidi-Barrani, Sollum e Bardia constituíam para o comando britânico um conjunto de trofeus satisfatório, dada a escassez de efectivos e de recursos de que inicialmente dispunha. O seu problema consistia em saber se, mesmo entrando em linha de conta com essa escassez de efectivos e de recursos, lhe convinha continuar a luta. Foi esta, afinal, a decisão tomada e certamente, para isso, não deixaram de concorrer os incitamentos calorosos recebidos da metrópole, onde as notícias

do que se passava no norte de Africa despertaram um entusiasmo compreensível.

A Inglaterra acabava de passar o período mais arriscado da sua história. A derrota da França e os ataques aéreos em massa às suas principais cidades, o paralelo entre a sua produção de guerra e as possibilidades do adversário: que então pareciam ilimitadas, a circunstância de haver perdido os seus aliados do começo da guerra sem que outros surgissem para os substituir eram circunstâncias que impressionavam a opinião pública britânica, embora a não abatessem. Compreende-se que, nestas condições, as notícias que davam conta das operações em Africa e do seu resultado vitorioso houvessem despertado um entusiasmo que se traduzia em incitamentos calorosos aos combatentes.

### A QUESTÃO DOS ABASTECIMENTOS

A questão dos abastecimentos era a primeira a resolver pelo comando britânico, uma vez assente a decisão de que o avanço prosseguiria. A alimentação, a água e o carburante não deviam faltar às tropas e para que isto acontecesse era necessário improvisar os respectivos serviços à medida que aumentava a extensão das linhas de comunicação. Como a linha de caminho de ferro que podia ser utilizada pelas tropas imperiais terminava em Marsa-Matruk, a partir desta localidade impunha-se a utilização de veículos motorizados que não abundavam. Este método implicava também um dispêndio em escala imprevisível de carburantes que era necessário transportar e de que também não existiam grandes quantidades.

A questão dos abastecimentos complicava-se, assim, com a questão dos transportes. Depois da tomada de Sollum, tornou-se possível utilizar este porto, apesar das suas escasas possibilidades, descarregando nêlo determinadas mercadorias cujo transporte por terra era de molde a complicar a tarefa das autoridades militares e dos seus auxiliares directos.

Os italianos usavam a via marítima em proporções apreciáveis, fazendo vir da metrópole a maior parte das coisas que eram necessárias para o prosseguimento das operações por sua parte. Para os ingleses as dificuldades de tempo e de espaço eram incomparavelmente maiores e para as remover exigia-se um maior dispêndio de energia e um trabalho de previsão e de organização mais completo.

A reparação das estradas, danificadas durante a retirada do inimigo, era outra tarefa que exigia uma vigilância constante das forças de engenharia britânica. O transporte de materiais para proceder a essa reparação constituía uma necessidade suplementar mas essencial. Sem a satisfazer não seria possível continuar uma ofensiva que se anunciava de maneira tão auspiciosa. Tanto o corpo de especialistas para os serviços de abastecimento e transportes como os engenheiros das forças imperiais se mostraram à altura das circunstâncias. Só essa circunstância permitiu que a marcha iniciada em 8 de Janeiro tivesse, um mês depois, conduzido a resultados tão satisfatórios e envolvesse a promessa de novos resultados.



As tropas britânicas no deserto da Líbia, no outono de 1940, durante o rápido avanço operado pela ofensiva de Wavell.

## A DEFESA DE TOBRUK

No dia 4 de Janeiro as tropas imperiais tinham liquidado decisivamente a resistência de Bardia e no dia 6 chegavam às defesas exteriores de Tobruk. A importância deste porto era evidente para os dois adversários. Os italianos tinham-no, até ali, utilizado com habilidade e proveito. Só a sua posse permitiria o avanço do marechal Graziani até à fronteira egípcia. Uma vez nas mãos dos ingleses, eles podiam começar a alimentar a esperança de percorrer, sem inconveniente de maior, o resto da estrada marginal que se estendia até aos confins da Líbia.

A posse de Tobruk fôra cuidadosamente acutelada pelos italianos com duas linhas fortificadas defensivas, uma exterior, outra interior, a primeira com uma extensão aproximada de quarenta quilómetros e a segunda com um perímetro de cerca de vinte e cinco quilómetros. De resto a cidade e o porto constituíam uma excelente posição defensiva natural cujas condições próprias eram reforçadas pela existência das linhas fortificadas. A guarnição encarregada da defesa era numericamente apreciável e o seu equipamento apropriado à guerra do deserto.

A R. A. F. fizera, desde o início das operações, uma série de vôos de reconhecimento sobre a cidade, tirando fotografias das fortificações. O quartel general do Cairo conseguia, assim, ter um conhecimento perfeito da natureza dos obstáculos (campos de minas, trincheiras anti-carros, etc.) que os seus homens teriam de ultrapassar e de remover se quisessem apoderar-se de Tobruk.

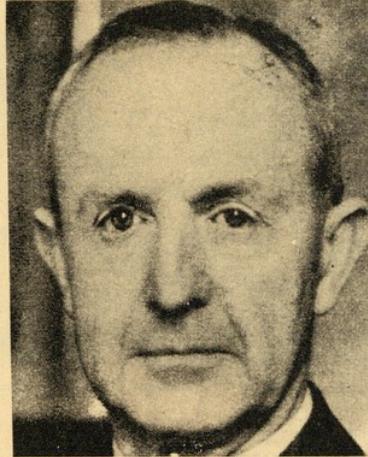
O estudo de todos estes elementos de informação e os preparativos para a luta, que se previa dura, consumiram algumas semanas. Tendo chegado às defesas exteriores da cidade no dia 6, só quinze dias depois o comando inglês considerou que estavam reunidas as condições indispensáveis para que o ataque produzisse o desejado resultado. A sua principal preocupação consistia em localizar os campos de minas a fim de evitar, no momento decisivo, perdas inúteis de vidas. Toda a campanha conduzida pelo general Wavell obedeceu, de resto, a essa preocupação fundamental e de todas as acções militares de envergadura empreendidas no decurso do actual conflito pode dizer-se que a campanha da Líbia foi, sob esse ponto de vista, a menos dispendiosa.

## A CONQUISTA DA CIDADE

Na madrugada de 21 de Janeiro, iniciou-se o ataque no meio duma violenta tempestade de areia. Os combates desenvolveram-se com excepional violência, em especial nos sectores sul e sudeste do perímetro defensivo. No fim do dia os atacantes tinham conseguido penetrar numa profundidade de mais de 10 quilómetros as obras defensivas. Durante todo o dia seguinte a luta tomou aspectos inesperados, pois os defensores mostraram-se decididos a resistir até final. Mas o ímpeto do assalto era por tal forma violento que na noite desse dia, com um luar muito claro, os primeiros soldados das

tropas imperiais atingiram as casas da cidade. Eram soldados australianos que se tinham já distinguido no decurso da campanha, revelando-se dignos sucessores dos «anzacs» que, durante a última conflagração, ilustraram de maneira particularmente notável esta designação de guerra em África, em França e nos Dardanelos. A resistência, por fim, ficou exclusivamente confinada às obras defensivas do sector ocidental de fortificações que por sua vez se rendeu no dia seguinte. Em 23 de Janeiro, a conquista de Tobruk era um facto consumado.

O número de prisioneiros feitos elevou-se rapidamente a quinze mil. Entre eles figuravam um general comandante de corpo do exército, um general de divisão, dois generais de brigada, um almirante e vários oficiais superiores



Almirante Cunningham, comandante-em-chefe da esquadra do Mediterrâneo.

do exército. No despojo de guerra apreendido figuravam duzentas peças de todos os calibres. No porto encontrava-se a carcaça dum cruzador italiano, o «San Giorgio», vítima dos ataques incessantes das forças aéreas britânicas.

A recolha e a classificação do material apreendido não constituíram uma preocupação imediata para as autoridades militares inglesas. O mesmo se não podia dizer a respeito dos prisioneiros, cujo número avultado criava novas dificuldades, dada a necessidade urgente de os alimentar e transportar rapidamente até ao Egito, onde haviam sido preparados campos especialmente para esse fim e de onde depois seriam levados para outros pontos. Esses prisioneiros, que de começo chegaram a manifestar certos receios quanto à natureza do tratamento que lhes ia ser infligido, breve modificaram essa opinião e o transporte pôde fazer-se sem que, da sua parte, se esboçasse qualquer atitude de resistência.

## DERNA, BARCIA E CIRENE

Os ingleses não se detiveram em Tobruk. Encorajados pelos resultados obtidos, resolveram prosseguir rapidamente o avanço que tão auspiciosamente haviam iniciado. Dois dias depois da ocupação daquela cidade, tinham avançado para ocidente mais de trinta quilómetros e entravam no aeródromo de Gazala, que depois tão importante papel havia de desempenhar nas operações do deserto. A acção da R. A. F. fazia-se sentir incessantemente e o domínio do ar era a primeira condição de êxito das operações em curso.

Em 28 de Janeiro as tropas imperiais alcançavam Derna, no litoral, onde haviam de encontrar a mais enérgica resistência de toda a campanha. O terreno favorecia, de maneira particular, a tática defensiva e os italianos aproveitaram essa circunstância utilizando, em larga escala, a sua artilharia. O assalto teve de ser realizado por contingentes especializados de australianos que, durante três dias, se bateram com os defensores da cidade, acabando por entrar nesta em 30 de Janeiro.

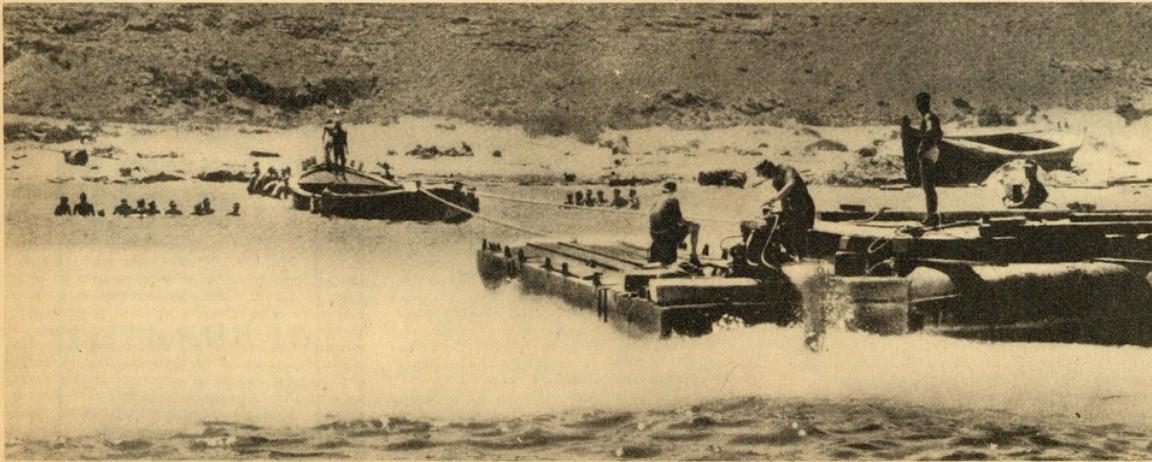
Na retirada, os italianos procuravam especialmente retardar o avanço britânico, realizando destruições, e tornando a estrada do litoral impraticável. Em Barcia essas destruições constituíram um obstáculo de certa importância para os atacantes que foram «brigados» a reconstruir rapidamente a única ponte cuja utilização era indispensável para continuarem o seu avanço. Durante quatro dias e quatro noites, entre 30 de Janeiro e 3 de Fevereiro, os soldados de engenharia trabalharam incansavelmente para repararem os estragos provocados pelas tropas italianas em retirada.

Em 3 de Fevereiro, o avanço prosseguiu impetuosamente e os primeiros contingentes de tropas imperiais penetravam em Cirene, na costa. Era a última localidade importante que tinham antes de alcançar Benghazi, na extremidade ocidental da Líbia. Em menos de dois meses as tropas do general Wavell tinham assim percorrido a distância enorme que separa a fronteira do Egito da fronteira da Triplicânia. Tanto como essa progressão territorial realizada em condições particularmente felizes voltam, sob o ponto de vista militar, as perdas sofridas pelo inimigo.

## A BATALHA DE BEDA FOMRU

Iam os italianos deter-se em Benghazi? Ou, pelo contrário, desconhecendo a verdadeira força do adversário e perante o ímpeto ofensivo que este revelava, iam aumentar a distância que os separava das tropas imperiais chegando às linhas de comunicação que estas tinham de utilizar? Os vôos de reconhecimento efectuados pela R. A. F. encarregaram-se de esclarecer esta dúvida. O esclarecimento era fundamental para os acontecimentos que se preparavam.

O general Wavell foi informado de que o inimigo se preparava para abandonar Benghazi. No tempo da estrada marginal que parte desta cidade eram evidentes os preparativos para uma retirada em ordem do campo de



Chegada de reforços do «Eixo» a Bardia durante a primeira fase da campanha da Cirenaica. Os soldados de engenharia tentam construir uma ponte,



«Tanks» italianos em operações na região de Solh, no decorrer da ofensiva das tropas britânicas.

tropas do marechal Graziani. Só havia para os ingleses uma possibilidade de explorarem a fundo os êxitos obtidos até ali. Era-lhes indispensável cortar a retirada do adversário, impedindo-o de atravessar a fronteira que separa a Líbia da Tripolitânia. De outra forma, as suas linhas de abastecimento alongar-se-iam, de maneira inoportuna, enquanto os italianos se aproximariam das suas bases, podendo preparar-se, em condições vantajosas, para um retorno ofensivo.

Esta foi a ideia que presidiu à preparação da batalha de aniquilamento que veio a travar-se cerca de cem quilómetros a sudeste de Benghazi e que ficou conhecida pela designação de batalha de Beda Fomur. O plano para a execução do pensamento do comando britânico foi confiado a dois técnicos dos serviços motorizados: os generais O'Connor e Creagh, especialmente ao primeiro que já se havia distinguido de maneira particular durante toda a campanha. As forças blindadas e a infantaria australiana tiveram na realização dessa tarefa um papel de relevo. Mas o êxito da operação planeada deveu-se, sobretudo, à excelência e à regularidade com que funcionaram os serviços de reabastecimento das colunas móveis que penetraram no espaço desértico que se estende ao sul da linha costeira, entre Barca e Benghazi. Apesar dos obstáculos naturais e das violentas tempestades de areia que assolaram a região onde as operações se desenvolveram, estas terminaram de maneira altamente satisfatória para o comando britânico.

**O CAMPO DE BATALHA**

O general Creagh declarou: «Dêem-nos combustível e munições e nós nos encarregaremos de fazer o resto». A testa da coluna móvel que havia de operar no deserto, deslocou-se no dia 4 de Fevereiro e dirigiu-se, com a possível rapidez, para o local que previamente lhe havia sido designado. O estado do terreno e a falta de mapas pormenorizados da região impediam que o avanço se fizesse com a velocidade desejada. As paragens eram frequentes. Os carros de reabastecimento perdiam-se, muitas vezes na imensidade arenosa. Ainda assim os elementos avançados da coluna alcançaram, pela tarde, o forte Msus que ocuparam. Uma circunstância particularmente favorável, o aparecimento de uma noite clara, permitiu-lhe continuar e recuperar, em parte, o tempo perdido. No dia seguinte, 5 de Fevereiro, chegavam os primeiros elementos de reconhecimento a Beda Fomur, na estrada que, partindo de Ben-

ghazi, desce ao longo da costa de Sirte, até Agedabia. Todas as informações recolhidas pelos ingleses diziam que era por ela que a retirada das tropas italianas se estava fazendo.

Pouco passava do meio dia quando se deu o primeiro encontro entre elementos destacados dum e doutro lado. Depois, durante trinta e seis horas, a batalha prolongou-se, com alternativas diversas, provocadas sobretudo pelo aparecimento de reforços britânicos que, à medida que iam chegando ao local das operações, eram imediatamente envolvidos nelas. Os italianos tiveram a impressão de que teriam de se bater contra forças superiores àquelas que, efectivamente, os ingleses tinham. Essa impressão era criada em consequência da extrema mobilidade dos elementos mecanizados que se deslocavam, incessantemente, na frente de batalha.

A circunstância de ter sido morto em combate, logo no início da batalha, o comandante das forças italianas, general Tallera, contribuiu também bastante para o resultado que no final se verificou. Um ataque enérgico dos italianos conduzido no segundo dia da batalha não podia alterar o curso dos acontecimentos. Na madrugada de 7 de Fevereiro uma simples inspecção do campo de batalha dava ideia exacta do que se passara.

**OS RESULTADOS DA LUTA**

O número de prisioneiros feitos pelas tropas imperiais britânicas elevava-se a mais de vinte mil; entre o material apreendido figuravam 216 peças de artilharia de todos os calibres, 112 carros blindados e 1.500 veículos de todas as espécies. Era enorme a quantidade de metralhadoras e espingardas que caíram em poder dos ingleses. As informações oficiais de origem britânica davam, nessa altura, um total de prisioneiros feitos durante toda a campanha, entre o ataque a Sidi-Barrani e a batalha de Beda Fomur, durante um período aproximado de dois meses (9 de Dezembro a 7 de Fevereiro) por que se prolongaram as operações, que era exactamente de 133.295. O número de peças de artilharia tomadas durante esse período era, segundo a versão inglesa, de 1.300. Este resultado valia incomparavelmente mais do que a progressão territorial verificada.

A situação modificara-se assim de maneira radical no norte de África. Desaparecera a ameaça italiana sobre o Egipto e o Canal de Suez. Os ingleses passavam a dispor de alguns portos de apreciável valor. A posse de um deles, Tobruk, reabastecido pelo mar, havia de

permitir-lhes suportar, com um dispêndio relativamente pequeno de energias, o peso de novas ofensivas conduzidas pelas tropas do «eixo». Tobruk tornou-se o ponto vital da luta para a posse do Suez e do sistema de comunicações imperiais.

Apesar da energia com que, em muitas fases da campanha, os italianos se bateram, os acontecimentos posteriores demonstraram que só uma estreita colaboração entre eles e os seus aliados alemães podia impedir a vitória total dos ingleses no norte de África. Essa colaboração veio a traduzir-se por uma dispersão de forças, especialmente de forças aéreas, cujos efeitos se fizeram sentir em outras frentes onde a Luftwaffe devia actuar com todo o seu peso. O Mediterrâneo continuou a ser percorrido pela esquadra comandada pelo almirante Cunningham. A África, com excepção dos territórios franceses ou de países neutros, e da Tripolitânia, transformou-se num campo de batalha ou num terreno propício à preparação de material de guerra ao serviço da Grã-Bretanha e dos seus aliados. Resultados que haviam de pesar de maneira decisiva no quadro geral deste conflito.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

**A SÍFILIS e o seu remédio**

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações do enfermo, consegue-se com o **DEPURATOL** que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espírito. **Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11\$00.** EM TODAS AS FARMACIAS

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

**Rainha da Hungria**

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

**M. ME CAMPOS**

\*  
M<sup>o</sup> CAMPOS

**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**  
LISBOA - RIO DE JANEIRO

**Escutai ROMA!**

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTAÇÕES		
9,50 Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
13,15 Comunicado de guerra	{ 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
17,30 Noticiário	{ 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
22,10 e 0,10 Noticiário	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
	{ 2 RO 3	m. 31,15	Kc/s 9,630
	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
		m. 263,20	ondas médias
1, Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 19	m. 29,04	Kc/s 10,330
	{ 2 RO 18	m. 30,74	Kc/s 9,760

**CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**  
(às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11,695
22,20 (aos domingos)	m. 30,25	Kc/s 9,830

**LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA**  
(às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950



NO JARDIM ZOOLOGICO efectuou-se recentemente a 14.ª Exposição Canina de Lisboa, organizada pelo Clube dos Caçadores Portugueses. Concorreram centenas de exemplares. As fotos que publicamos acima, todas elas bem curiosas, dão-nos alguns aspectos do elegante certame.

**CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS**

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

À venda na Farmácia Estácio—Rossio e em todas as boas farmácias e drograrias

**APYROL**



*Sob o Sol ardente do*  
**Ribatejo**

SOL DO RIBATEJO é a expressão viva desta foto de Deniz Salgado: Um cavalo lançado à desfilada na campina verde, encharcada de luz. Sobre o animal um campino vestido com seu fato reluzente de côr e uma moçoila encantadora.

Vida  
**MUNDIAL**  
Ilustrada